

TERÇA FEIRA, 29 DE JUNHO

09:00-17:00 SESSÃO DE PÓSTERES Sala 2

SESSÃO DE PÓSTERES 6 – SAÚDE SEXUAL

Sala 2, dia 29, 09:00-17:00 • Coordenadora: *Alexandra Raimundo*

P42 SATISFAÇÃO SEXUAL EM MULHERES COM INCONTINÊNCIA URINÁRIA

A. Raimundo, J. Pais Ribeiro¹ e L. Moniz²¹ FPCE – Universidade do Porto; ² Maternidade Dr. Alfredo da Costa – Consulta de Uroginecologia

O presente trabalho de carácter exploratório, foi realizado com vista a averiguar quais as Variáveis de Doença e Variáveis Demográficas, preponderantes na relação entre a Satisfação Sexual e a Incontinência Urinária, na população feminina.

A amostra é composta por 93 participantes do sexo feminino, cuja média de idades é de 60,15 anos, às quais foi solicitado o preenchimento de um protocolo constituído por um “Questionário Demográfico” e uma escala de Satisfação Sexual (SEAR-Questionnaire).

Verificámos que as Variáveis de Doença implicadas na relação entre Satisfação Sexual e Incontinência Urinária são a Duração da Incontinência Urinária (ao nível do domínio Relação Sexual) e a altura do Aparecimento de Episódios de Incontinência Urinária (na sub-escala Relacionamento Geral, do domínio Confiança). No que respeita à influência de Variáveis Demográficas, pudemos verificar que apenas o domínio Relação Sexual se mostrou afectado, nomeadamente, pelas variáveis Idade, Profissão, Escolaridade e frequência de Relações Sexuais.

P43 GÉNERO E SAÚDE: MASCULINIDADE(S) E COMPORTAMENTOS SEXUAIS DE RISCO

A. Laranjeira, V. Prazeres e L. Amâncio
Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa

Esta investigação insere-se no âmbito de uma tese de licenciatura e tem como principal objectivo explorar as dimensões associadas à adopção de comportamentos sexuais de risco, numa perspectiva de género. Para este trabalho partiu-se da hipótese de que as definições tradicionais da masculinidade podem contribuir para explicar a adopção de comportamentos de risco.

Realizaram-se dois estudos: No primeiro, procurámos instigar, em contexto de interacção, a partilha de crenças e opiniões relativas à adopção de comportamentos sexuais de risco, utilizando para o efeito a metodologia de focus group. No segundo, os dados foram recolhidos através da aplicação de um questionário a 158 jovens de ambos os sexos, em quatro escolas secundárias da área metropolitana de Lisboa. O nível de escolaridade dos participantes variou entre o 10.º e o 12.º ano, estando as idades compreendidas entre os 15 e os 21 anos.

Os resultados sugerem que as definições tradicionais da masculinidade estão associadas a crenças que limitam a vivência da sexualidade e a qualidade dos relacionamentos dos jovens, e que podem mesmo constituir uma ameaça à sua saúde. Nesta perspectiva, o desenvolvimento de programas de promoção do desenvolvimento saudável dos adolescentes não pode deixar de ter em conta as construções em torno do “ser-se homem” e do “ser-se mulher”, bem como o seu papel na compreensão da adopção de comportamentos de risco.

P44 Atitudes face às Relações Amorosas e à Sexualidade, em raparigas institucionalizadas

C. Pires (carla.b.pires@netcabo.pt) e N. Nodin
Instituto Superior de Psicologia Aplicada

O presente estudo tem como objectivo principal averiguar o reconhecimento da afectividade na vivência da sexualidade, dos adolescentes.

Para tal, procurou-se estudar as atitudes relativas às relações amorosas e à sexualidade masculina e feminina, nas jovens do sexo feminino do grupo etário compreendido entre os 12 e os 16 anos. A nossa amostra foi recolhida no contexto de regime de internato e é constituída por um total de 31 sujeitos, que foram submetidos à aplicação de um questionário contendo uma escala de atitudes face às relações amorosas e à sexualidade.

Os resultados encontrados sugerem que, no que respeita a uma visão conservadora da sexualidade, as raparigas revelam uma visão mais restritiva da sexualidade feminina, em relação à sexualidade masculina. Relativamente a uma visão liberal da sexualidade, não existem diferenças significativas, pois as raparigas demonstram atitudes face à sexualidade e às relações amorosas com base numa visão liberal da sexualidade, tanto masculina como feminina.

Quando se utiliza como critério de comparação o facto das raparigas namorarem actualmente ou não, verifica-se não existirem diferenças significativas ao nível das visões globais da sexualidade, conservadora ou liberal.

No que se refere à relação entre a idade das raparigas e as atitudes face às relações amorosas e à sexualidade, verifica-se a existência de uma correlação significativa, embora pouco pronunciada, relativamente a uma visão conservadora da sexualidade feminina. Deste modo, quanto maior é a idade da rapariga, menos conservadora é a sua visão relativamente à sexualidade feminina.

Os resultados obtidos são discutidos na perspectiva da intervenção, tendo em conta as necessidades específicas salientadas pelo estudo, em relação às jovens institucionalizadas; são também abertas algumas perspectivas em termos de futuras investigações a realizar nesta área.

P45 EDUCAÇÃO SEXUAL – DA LEI À ESCOLA

E. Souto
Associação para o Planeamento da Família

A presente comunicação tem como objectivo reflectir sobre a Educação Sexual em meio escolar. Enquanto Técnica da Associação para o Planeamento da Família (APF), Organização Não Governamental com a qual o Ministério da Educação tem um protocolo de Cooperação para a Educação Sexual desde o ano 2000, apresentamos algumas considerações sobre o modelo transversal em vigor versus uma disciplina única. Este protocolo passa por uma intervenção directa nas escolas com os jovens, discentes, associações de pais, mas sobretudo com os docentes dotando-os das competências básicas/necessárias para este trabalho com os alunos de todos os ciclos de ensino. Do contacto próximo com os professores, no terreno, conseguimos identificar as suas dificuldades, os seus receios, as suas resistências e delinear estratégias/etapas de trabalho específicas. O grande desafio, de acordo com o modelo de Educação Sexual transversal a todas as disciplinas é, depois de desmontar o próprio conceito de educação sexual com os professores, avançar para a respectiva articulação curricular tendo em conta os objectivos da educação sexual para cada ciclo de ensino e os objectivos curriculares da disciplina em questão.

Da nossa experiência, existem muitas escolas com projectos de educação sexual bem estruturados e explícitos no Projecto Educativo de escola, assim como muitas outras que estão em fase de arranque nestas matérias da promoção da saúde sexual e reprodutiva. Cada escola, enquanto espaço de socialização das crianças e dos jovens, tem um papel a desempenhar neste domínio. A APF, os técnicos de saúde, outras organizações não governamentais, os pais... são excelentes recursos para as escolas em todo este processo de socialização sexual.